

20-8-44 192

Divagações

sôbre a Bondade

DOS fartos aplausos que nos mereceu o nosso último artigo sôbre o valor da Bondade pode concluir-se como impressionam ainda as manifestações dêsse nobre e generoso sentimento que para se lembrar do bem alheio, chega a esquecer-se até do próprio bem.

Recordo-me ter lido um dia, num poeta francês, esta magnífica afirmação de não haver nada de melhor no mundo do que fazer menos triste um coração. Por outra fórmula, era afinal a repetição daquela misteriosa palavra de Cristo: «é bem melhor dar do que receber».

Porque será então que nos sentimos muito mais apressados em receber, e nos esquivamos com tanto cuidado da beira dos que sofrem? Certamente por não sabermos ou não queremos abrir de par em par a nossa alma aos surpreendentes e resplendrosos mistérios da Vida.

No mundo, olhando-o bem de perto, nada existe que não seja doação. O sol, quando nasce — e nasce todos os dias — é para se dar em luz e calor. E percorre a sua longa e majestosa órbita, na roda de cada ano, para que não falte a ninguém o seu dom generoso. A lua não tem luz em si própria; mas aquela que recebe, reparte-a conosco na mesmo infinita doação. A Terra deixa rasgar o seu seio para se dar em plantas, flores e frutos, nada reservando para si, e só pedindo, para mais e melhor poder dar. O mar, com riquezas sem fim, tem bem cheias as imensas entranhas só para as dar; e reguia os climas, fecunda os espaços de montanhas de neve, para que nada falte às exigências da vida. A fonte que nasce e se torna rio, a montanha que se ergue nas alturas, o vento que circula ora rijo, ora suave, são outras tantas perenes doações — que para outra coisa não existem.

E se passarmos ao reino animal, como se torna viva e comovente a harmoniosa comunicação de tantos dons magníficos! A andorinha que voiteia no espaço em veloz correria, ou a inocente lavandisca que saltita atrás do lavrador, fazem da vida inteira um acto pleno de altruísmo. Os animais multiplicam-se, esforçam-se e penam, mesmo quando são devoradores como os coelhos, para nos encher a mesa de manjares, para nos agasalhar das intempéries, ou para nos ajudar na labuta de cada dia. E quantos dêles só nascem e crescem para se imolarem em suprema doação!

O próprio homem não pode deixar de se dar, mesmo quando só pensa em receber. Vai para o trabalho na mira do salário, mas o seu trabalho fica, perpetua-se, torna-se fecundo na cadeia das gerações, como a dar-se dia a dia, mesmo para além da morte, a quantos passam, depois dêle, na mesma estrada da vida. Se estuda, se escreve, se medita, investiga ou constrói, é mais, muito mais para os outros do que para si próprio. O mesmo mistério do amor, em que muitos só pensam para gôso pessoal, desentranha-se em vidas novas na mais plena e perfeita doação. Por mais egoista que seja, ou queira ser, não pode deixar de se dar em qualquer coisa. Ao menos, ao cerrar para sempre os seus olhos, deixa aos outros quanto tem.

Não faz, por isso, sentido, num

mundo assim construído e governado, que não compreendamos o mistério que nos cerca e que nos obriga. E, porque não faz sentido, todo o egoísmo é uma aberração, toda a maldade, um crime.

O egoista fere-nos, irrita-nos, revolta-nos. O que procura só receber, sobretudo à custa dos outros, reclama de nós vingança, e sugere-nos logo a ideia do castigo.

O avarento que se fecha em si mesmo, e dentro de si sófregamente fecha tudo quanto pode, torna-se aos olhos de todos um ser repelente, desprezível portanto.

O ambicioso, que busca sempre a melhor parte e procura tajhar a todo o custo um quinhão próprio na fatia alheia, levanta tempestades e desordens, e provoca a guerra entre os homens.

O malicioso, o astuto, o desleal cavam o vácuo à sua volta, só porque recusam dar-se francamente à fraternidade social, antes procurando usar de maíes artes em proveito seu.

No entanto aquele que sabe dar, e sobretudo sabe dar-se, quantas vezes não é tido por falho de prudência e de bom senso, como se os homens pudessem governar-se ao contrário da lei universal que rege o mundo inteiro! O sentimento comum sabe, porém, distinguir a Verdade e a Vida, e avaliar, portanto, onde estão os verdadeiros valores essenciais. E' por isso que aprecia tanto a Bondade.

Ela é rara, não por ser difícil, mas por ser incompreendida. Ser bondoso supõe e exige a doação total de si mesmo. E poucos há dispostos a dar-se totalmente, porque há bem poucos a compreender a verdadeira beleza da Vida. Mas aqueles que uma vez abriram a sua alma à plenitude do ser e foram bons, êsses entendem a sublime lição do poeta e tornam-se felizes em fazer menos tristes os corações. Não há gôzo maior, nem maior encanto, nem vida que valha mais ser vivida do que aquela de trabalhar, sofrer, privar-se, para enxugar em olhos macerados a fonte amarga do pranto.

Dar-se é amor. E, por isso, o cântico da Natureza é um cântico de amor!

Porque é que o amor tantas vezes desfalece e morre e se transforma em desinteresse e até em ódio? Porque supusemos insensatamente que a felicidade do amor estava em receber. Amamos para possuir. E na medida em que tomamos posse, nessa medida, matamos o amor e secamos a fonte da felicidade.

Amar é dar-se. Todo o amor que não busca a posse, mas a doação, é amor imortal, alegre e fecundo, porque é o único verdadeiro amor.

Assim se compreende todo o mistério da estranha palavra evangélica de que é mais feliz o que dá do que aquele que recebe.

Amái-vos uns aos outros é o natural e necessário complemento da vida da restante criação. Se tudo na natureza é altruísmo, renúncia, doação, pode lá conceber-se, na escala supe-

rior de tamanha jerarquia de existências, o homem egoísta, egocêntrico, comodista, avarento?

Todos êstes baixos sentimentos são anti-naturais e, por isso mesmo, repelidos pela consciência dos povos.

E é inútil pensar transformá-la. Não se luta impunemente contra a natureza. Por tentar fazê-lo, encheu-se o mundo de miséria com a sedução do individualismo, e de sangue com a tentação do imperialismo.

Para a desordem, a guerra, o sofrimento, a indisciplina social, a destruição e a morte, só há um remédio: entrar cada um no caminho da Vida, enquadrando-se na imensa partitura do Amor-doação, tão maravilhosamente cantada por toda a Natureza. Então a Bondade rasgará aos homens o caminho dêsse mundo novo por que tanto anseiam sem nunca o encontrar, precisamente por teimar em abri-lo à ponta das baionetas, quando, afinal só pode abrir-se com a chave do amor, por passar através dos corações.

ABEL VARZIM.